

Sangue acusa maior risco para a covid grave

Identificadas proteínas sanguíneas ligadas à ocorrência de casos críticos da doença, abrindo portas para novos exames de análise clínica. Estudo também indica que indivíduos com a tipagem A podem apresentar uma vulnerabilidade mais expressiva

» VILHENA SOARES

O risco de um indivíduo sofrer com a forma grave da covid-19 pode ser revelado pela análise da composição de seu sangue, segundo um grupo internacional de cientistas. Por meio de uma observação genética apurada, em que avaliaram mais de 3 mil proteínas, os pesquisadores identificaram um grupo de moléculas que indicam maior vulnerabilidade à ocorrência de casos severos da doença, além de substâncias que protegem infectados desses quadros mais críticos. Os dados do estudo foram apresentados na última edição da revista especializada *Plos Genetics* e, segundo os autores do artigo, devem ajudar no desenvolvimento de novas abordagens terapêuticas e preventivas.

A pesquisa é a primeira a avaliar um número tão amplo de proteínas conectadas à covid-19. Para realizar a tarefa, optou-se pelo uso de um método de análise focado em fatores genéticos. "Usamos a randomização mendeliana, que avalia grandes conjuntos de dados de DNA, permitindo uma avaliação da direção causal dos altos níveis de determinadas proteínas no sangue à gravidade da covid-19, evitando, assim, a influência dos efeitos ambientais", detalha, em comunicado, Vincent Millischer, pesquisador da Universidade Médica de Viena, na Áustria, e um dos autores do estudo.

A equipe considerou dois níveis de gravidade da enfermidade: hospitalização e necessidade de suporte respiratório ou óbito. Usando informações de vários estudos anteriores com foco no genoma e dados de milhares de pacientes, os pesquisadores encontraram seis proteínas sanguíneas que estavam causalmente ligadas a um risco aumentado de ocorrência de casos graves de covid. A análise também chegou a algumas distinções nos tipos de proteínas ligadas à hospitalização e

LAKRUWAN WANNIARACHCHI



Equipe de cientistas descobriu seis moléculas relacionadas a quadros graves da infecção e oito com ação protetiva

aquelas relacionadas ao suporte respiratório/morte, indicando, dessa forma, que diferentes mecanismos podem estar em ação nesses dois estágios da doença.

Uma das proteínas identificadas, a enzima (ABO) é responsável pela determinação dos grupos sanguíneos, o que sugere, segundo os pesquisadores, que essa característica desempenha um papel fundamental no desenvolvimento de formas graves da doença. Para o grupo, essa informação é valiosa porque entra em concordância com outras análises que indicam maior quantidade de pessoas com sangue tipo A entre infectados pelo coronavírus.

"É preciso deixar claro que nosso estudo não liga um grupo sanguíneo preciso ao risco de sofrer mais com o novo coronavírus", enfatiza Christopher

Hübel, pesquisador do King's College London, no Reino Unido, e um dos autores do trabalho. "Mas como pesquisas anteriores descobriram que a proporção de pessoas do grupo A é maior em indivíduos positivos para covid-19, isso sugere que pessoas dessa tipagem podem ter maior risco de sofrer com a forma grave da doença. Por isso, acreditamos que mais pesquisas precisam ser feitas. Essa é uma temática que deve ser aprofundada."

Tratamentos

Os cientistas também identificaram um grupo de oito proteínas ligadas à proteção contra a forma grave da covid-19. Essas moléculas medeiam



a interação entre células imunes e o revestimento dos vasos sanguíneos, um fenômeno que também coincide com resultados de pesquisas anteriores que sugerem ligação entre a parte exterior desses vasos e a gravidade da doença. O novo artigo indica a necessidade de mais investigações sobre essa questão.

Os dados já obtidos, segundo os autores, podem ajudar no desenvolvimento de novas estratégias de combate ao coronavírus. "Avaliar grupos de proteínas é um primeiro passo vital para descobrir alvos potencialmente valiosos para o desenvolvimento de novos tratamentos", afirma, em comunicado, Alish Palmos, pesquisador do Instituto

de Psiquiatria, Psicologia e Neurociência do King's College London, no Reino Unido. "O que fizemos foi fornecer uma lista restrita para o próximo estágio da pesquisa. De milhares de proteínas do sangue, reduzimos esse universo para cerca de 14 moléculas que têm alguma forma de conexão causal com a covid-19. Essas substâncias abrem um caminho potencialmente importante para o desenvolvimento de novas terapias", completa Gerome Breen, professor de genética da mesma instituição.

Lucas Albanaz, clínico geral e coordenador da clínica médica do Hospital Santa Lúcia Norte, em Brasília, também concorda que são necessárias análises mais detalhadas para confirmar os dados obtidos. "Como são muitos



Pessoas dessa tipagem (A) podem ter maior risco de sofrer com a forma grave da doença. Por isso, acreditamos que mais pesquisas precisam ser feitas. Essa é uma temática que deve ser aprofundada"

Christopher Hübel,
pesquisador do King's
College London

os fatores que influenciam o risco de uma pessoa ter a forma grave de uma enfermidade — nesse caso, a covid-19 —, é difícil você fazer esse tipo de análise. Temos a influência de outras doenças crônicas, como o diabetes, que fazem muita diferença. É possível que essas proteínas tenham, sim, um peso, mas só poderemos ter essa certeza com a evolução do estudo", justifica. "Associar apenas um tipo de sangue a esse problema de saúde também seria algo muito precipitado, ainda não temos como fazer essa ligação."

O médico brasileiro acredita que, com a confirmação dos dados, novos tratamentos poderão surgir. "Ainda estamos em fase de investigação dessa doença, e muitas medicações, como novos anticorpos, além de vacinas, devem surgir. É importante ter outros alvos para que essas futuras opções sejam desenvolvidas com base na melhor estratégia de combate", afirma. "Ainda estamos na ponta do iceberg, e, com certeza, no futuro, teremos um mundo de opções terapêuticas contra a covid-19."

Anti-inflamatório reduz morte de internados

Um anti-inflamatório utilizado no tratamento da artrite reumatoide reduziu em 13% o risco de óbito em hospitalizados com a forma grave de covid-19. O resultado animador foi observado por pesquisadores britânicos em mais um desdobramento do estudo Recovery, uma iniciativa científica que já apontou outros três medicamentos como armas eficazes no combate ao novo coronavírus. Os dados mais recentes obtidos pelo grupo foram apresentados na plataforma on-line de pesquisas MedRxiv e ainda não foram revisados por pares.

A investigação se deu entre fevereiro e dezembro de 2021 e contou com a participação de mais de 8 mil pessoas infectadas pelo Sars-CoV-2. Elas foram divididas em dois grupos: 4.008 receberam o tratamento padrão para a covid-19 e 4.148, os mesmos cuidados básicos combinados com a droga baricitinibe. O experimento durou até 10 dias.

As análises dos dois grupos resultaram em dados promissores nos integrantes do grupo que recebeu o anti-inflamatório: redução de 13% do risco de óbito, além de maior propensão a

receber alta dentro de 28 dias e menor necessidade do uso de respiradores artificiais durante a internação. Segundo os autores do artigo, não houve detecção de risco maior de surgimento de outras infecções ou trombose (complicações da coagulação do sangue) nesses pacientes.

Para a equipe, os resultados fortalecem observações feitas em pesquisas menores com o mesmo medicamento. O Recovery é duas vezes maior em número de avaliados que oito estudos que testaram o baricitinibe e medicamentos similares (conhecidos como inibidores de JAK) para o tratamento do novo coronavírus.

"Esse resultado confirma e amplia descobertas anteriores, proporcionando maior certeza de que o baricitinibe é benéfico e, com isso, temos novos dados importantes, que podem nos ajudar a desenhar o melhor tipo de tratamento para nossos pacientes", afirma, em comunicado, Peter Horby, professor da Universidade de Oxford e um dos autores do estudo.

Para o cientista, o anti-inflamatório poderá ser usado com outros fármacos que já se mostraram promissores. Em janeiro,

JOSEF LAGO



Uso do baricitinibe foi testado em pacientes durante 10 dias

britânicos que demonstrou alto potencial no combate ao Sars-CoV-2. Em junho de 2020, os especialistas anunciaram que o anti-inflamatório dexametasona reduz em um terço o risco de morte nos pacientes mais graves. Em fevereiro de 2021, o Recovery mostrou que a mortalidade por covid-19 caiu para 50% com o uso do tocilizumabe, uma droga também desenvolvida para tratar a artrite reumatoide, em conjunto com a dexametasona.

O terceiro tratamento com bons resultados é o Ronapreve, um coquetel de anticorpos criados pela empresa americana Regeneron eficaz apenas para os casos mais graves da infecção. "Juntos, esses tratamentos estão reduzindo o risco de morte dos pacientes em mais da metade, e acreditamos que podemos alcançar uma marca ainda maior", diz Martin Landray, epidemiologista da Universidade de Oxford.

considerando resultados preliminares dos testes, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomendou o uso do baricitinibe.

Para os responsáveis pela pesquisa, a maior vantagem do medicamento testado é o baixo custo. Os especialistas calculam que

o uso do baricitinibe pode custar cerca 300 euros (R\$ 1,6 mil) por paciente, ao ser incorporado ao coquetel de medicamentos já usados no combate à covid-19 grave. "Como sempre, temos também o desafio de garantir que esse e outros tratamentos para o novo

coronavírus estejam disponíveis e acessíveis para que todos possam se beneficiar", enfatiza Horby.

Outros três

O baricitinibe é o quarto tratamento testado pelos pesquisadores